

## INTRODUÇÃO

«Por que razão estás tão interessado no Irão e no Iraque?» A questão era-me colocada vezes sem fim e, estranhamente, não pelos que estão fora dos círculos políticos ou diplomáticos, mas por aqueles que estão no seu interior. Instintivamente, surgia-me sempre a pergunta inversa: «Mas como é possível trabalhar em política ou negócios estrangeiros sem estar interessado no Irão e no Iraque?»

Com a sua proverbial paciência e amizade, o meu colega Fausto Correia, poucos meses antes da sua inesperada morte, explicou-me que eu tinha de dar uma resposta diferente: escrever um livro! Um livro que teria de mostrar as situações reais do Irão e do Iraque e explicar o meu raciocínio político no contexto das minhas experiências pessoais.

Quando em diálogo com as pessoas que estiveram por longos períodos no Iraque, alguns deles meus colegas no Parlamento Europeu, dei-me conta de que é possível estabelecer uma clara divisão entre aqueles que mal saíram da Zona Verde e os que passaram pela Zona Vermelha.

Nas páginas seguintes vou referir vários livros que reflectem a longa estada dos seus autores na Zona Vermelha, nomeadamente jornalistas norte-americanos e antigos diplomatas britânicos (aparentemente os militares norte-americanos, a fonte mais promissora, ainda não tiveram autorização para publicar os seus relatos), e tentarei fazer uma análise global do fanatismo religioso e do terrorismo contemporâneo na sua relação com as políticas ocidentais.

Olhando em retrospectiva, a invasão do Iraque, que poderia ter sido o começo de uma revolução democrática, foi antes o ponto de

partida para uma revolução islâmica que trouxe limpeza étnica e governação sectária; provocou uma guerra civil com um número ainda indeterminado de mortos e feridos, mais de cinco milhões de deslocados e refugiados; e um Estado, sociedade e economia em ruínas.

Longe de constituir um exemplo democrático para a região, a experiência iraquiana aumentou a desconfiança nas experiências democráticas.

O principal instrumento da revolução islâmica no Iraque foi um movimento criado em 1982 por um édito do Ayatollah Khomeini, cujo programa está bem inscrito na sua própria designação: «Conselho Supremo para a Revolução Islâmica no Iraque» (CSRII). No princípio de 2007, este movimento resolveu mudar o seu nome para «Conselho Supremo Islâmico Iraquiano» (CSII) dado ter concluído que a revolução já tinha atingido os seus objectivos e que o Irão necessitava de consolidar o seu poder sobre o país, mantendo-se solidamente ligado aos comandos do seu guia religioso supremo.

Só o tempo dirá se a análise da teocracia iraniana tinha razão ou se estava a ser demasiadamente optimista. Por enquanto, creio que o enigma maior do drama iraquiano é o de saber por que razão, em nome da guerra contra o terrorismo, o Ocidente impôs no governo do Iraque aqueles que já tinham sido identificados, pela literatura especializada sobre terrorismo, como «o primeiro exemplo de modernas organizações de terrorismo religioso».

Relatórios oficiais esconderam o facto de, por detrás do número reduzido de efectivos das forças invasoras aliadas, haver uma muito mais importante, embora discreta, força invasora que veio para o Iraque, a partir do Irão, com uma agenda radicalmente diferente da das forças da Coligação Ocidental.

Esta «invasão encapotada», que conduziu o país ao desastre, tinha de facto começado muito antes e no coração do processo de decisão política das capitais ocidentais.

Estas linhas são inteiramente dedicadas aos seus personagens, especialmente aos que sucumbiram vítimas de ataques terroristas ou que conseguiram escapar do Iraque, na maior parte dos casos só depois de presos e torturados às mãos de criminosos mais ou menos politicamente organizados.